



Promessa de um paraíso na Amazônia: os papéis das elites intelectual e econômica europeia na exploração da região nos séculos XVIII e XIX¹

Promise of a paradise in the Amazon: the roles of the European intellectual and economic elites in the exploitation of the region in the eighteenth and nineteenth centuries

Leonardo Figueiredo

UFPA, 0000-0001-8789-127X, leof.amazonia@gmail.com

Caroline Cardoso

UFPA, 0000-0002-5055-4998, caroline_cardoso08@hotmail.com

Kleberson Albuquerque

UEPA, 0000-0001-7134-5266, klebersonalbuquerque@gmail.com

Swasilanne Silva

UFPA, 0000-0002-7941-0410, suzi.zootecnista@gmail.com

Edimilson Barros

UFPA, 0000-0001-7927-3092, edimilsonbarros2@gmail.com

Wesley Ferreira

UFPA, 0000-0001-6374-2739, wesley_nein@yahoo.com.br

Oscar Sousa

UFPA, 0000-0002-1648-8181, oscarjr.sousa@yahoo.com.br

Carla Alves

UFPA, 0000-0002-8252-4611, Carrllaalves4@gmail.com

Resumo

Nos escritos dos viajantes Charles de La Condamine e de Henry Bates a Amazônia era apresentada, quase sempre, como um lugar exótico, mas cheio de riquezas naturais, o que instigou uma “curiosidade” e interesses da elite econômica europeia. Analisamos o papel desempenhado pela elite intelectual europeia acerca da criação de uma visão idealizada sobre as riquezas naturais presente na região amazônica e a relação dessa com a economia da borracha. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a partir da disciplina formação social e econômica da Amazônia no curso de Ciências Sociais. Com isso, percebeu-se que a Amazônia é uma região que despertou e continua despertando interesses de exploração econômica.

¹ Este trabalho é uma construção coletiva que tem sua origem a partir da disciplina Formação social e econômica na Amazônia, ministrada no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará.



Deste modo, pode-se concluir que todo o lucro obtido com a atividade extrativista da economia da borracha foi acumulado por uma parcela da sociedade ligada ao grande capital através da exploração das riquezas e do povo da região.

Palavras-chaves: Amazônia; Viajantes; Economia da Borracha; Exploração.

Abstract

In the writings of travelers Charles de La Condamine and Henry Bates, the Amazon was presented, almost always, as an exotic place, but full of natural riches, which instigated a “curiosity” and interests of the European economic elite. We analyze the role played by the European intellectual elite in creating an idealized view of the natural wealth present in the Amazon region and its relationship with the rubber economy. To this end, a bibliographical research was carried out based on the discipline of social and economic formation of the Amazon in the Social Sciences course. As a result, it was realized that the Amazon is a region that has awakened and continues to arouse interest in economic exploration. Thus, it can be concluded that all the profit obtained from the extractive activity of the rubber economy was accumulated by a portion of society linked to big capital through the wealth and people exploitation of the region.

Keywords: Amazon; Travelers; Rubber Economy; Exploitation.

1 Introdução

A Região Amazônica há muito é palco de inúmeras disputas territoriais, orientadas, sobretudo, por interesses das elites estrangeiras (política, econômica, religiosa) e estas sempre estiveram em diálogos entre si. Estes interesses objetivaram a exploração e a dominação da região e estavam diretamente atrelados à busca das riquezas naturais (minerais, vegetais, animais, etc.), que possibilitariam o reabastecimento de matéria-prima para a manutenção do capital econômico – representado pelo ouro, por exemplo. Assim como para a manutenção de algumas necessidades básicas acerca dos produtos que eram inexistentes na Europa. Todavia, pouco se fala a respeito de como as elites europeias tomaram conhecimento de que na região Amazônica haviam tantas riquezas naturais.

Escritores que ficaram conhecidos como *viajantes*, como o naturalista inglês Henry Walter Bates (1825-1892) e o francês Charles de La Condamine (1701-1774) construíram narrativas a respeito da região através de relatos enviados de suas expedições para a Europa. Nestes relatos, como veremos, estes *viajantes* descrevem a vida social, a fauna e a flora de alguns locais da Amazônia. Por serem os mais conhecidos viajantes e possuírem um papel fundamental neste processo de construção da imagem da Amazônia que era levada a Europa, é que neste escrito iremos trabalhar principalmente com estes autores.



Também trabalharemos com Neil Safier (2009), que faz críticas a La Condamine sobre as formas como ele se apropriava das informações dos viajantes que o precederam, dos ameríndios e de lendas regionais, modificando-as e fazendo sua própria narrativa para que tivessem um impacto sobre os leitores e cientistas europeus, despertando, assim, o interesse destes pelos estudos e pela exploração da região, estimulados e legitimados pela *promessa de paraíso*² contida em seus escritos.

Nas palavras de Safier (2009, p. 111):

Ele usou todos os instrumentos à disposição para justificar sua viagem ao Novo Mundo como o representante de uma nova ordem científica. *A Relation abrégée* de La Condamine, mais que qualquer outro relato contemporâneo, conduziu leitores europeus pelo Amazonas do século XVIII, introduzindo a um novo mundo, que, nos dois séculos e meio que se seguiram, tornou-se um importante laboratório e uma poderosa metáfora para a riqueza e a diversidade da vida animal e vegetal da terra.

Assim, na primeira parte do presente texto, veremos que essa visão idealizada da Amazônia disponibilizada por viajantes como La Condamine era disseminada na Europa sobre o signo de *promessa de um paraíso* cheio de riquezas naturais, ameríndios a serem dominados e utilizados para seus serviços, vastas regiões a serem exploradas pela presença de ouro, drogas do sertão e outras riquezas como o látex para a produção da borracha.

O látex era um produto que vinha chamando a atenção das elites econômicas mundiais, dado o material que poderia vir a ser feito a partir de suas substâncias químicas e físicas: a borracha; visto que o sistema capitalista passava por um processo especial que era a construção de automóveis com rodas de borracha, mais maleáveis, dentre outras aplicações que a borracha viria a ter. De acordo com La Condamine (2000), os nativos que viviam na Amazônia extraíam de uma árvore grande, com galhos altos, um líquido branco e viscoso, a seringueira - mais tarde denominada de *Hevea brasiliensis* - e que a partir desse líquido produziam um material maleável: a borracha; e desse material, fabricavam-se: brinquedos, botas, seringas e garrafas e levou à Europa em seus escritos um pouco do que se tinha na região (WEINSTEIN, 1993). Muito embora ele não fosse o

² Promessa de paraíso é uma categoria defendida por La Condamine que diz respeito a uma terra de selvagens que precisam ser catequisados e civilizados, por isso a necessidade da intervenção europeia (note-se que estava em voga na Europa a teoria evolucionista, para qual haviam etapas de evolução e a Europa estaria na fase mais evoluída o que lhes autorizava a conquista de outros povos ditos não civilizados, ou selvagens ou bárbaros e civilizá-los.)



primeiro a levar essas informações, o francês teve um papel fundamental em sua divulgação.

Na segunda parte do presente artigo, utilizaremos o período a qual conhecemos como *o Ciclo da Borracha* para descrever de maneira concreta o que tratamos na primeira parte deste escrito, bem como, abordaremos a *Belle Époque* como resultante da infraestrutura e estrutura econômica, para discutirmos a noção de que a Amazônia seria um espaço a ser civilizado e que seus povos precisariam ser domesticados, mediante assassinatos, escravidão, e a ausência de liberdade e, portanto, fora transformada de acordo com os interesses das elites do período da borracha.

Desse modo, objetivamos com este trabalho analisar a relação entre os papéis que as elites intelectual (representadas, principalmente, por La Condamine e Henry Battes) e econômica tiveram no projeto e no processo de civilização e exploração da Amazônia entre os séculos XVIII e XIX.

2 Metodologia

Este trabalho surge a partir da disciplina *Formação Social e Econômica da Amazônia* ministrada no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, e que por meio dos textos discutidos em sala de aula (muitos deles foram utilizados na produção deste artigo) causou inquietação nos autores deste escrito, culminando com a seguinte pergunta: *Há relação entre as promessas de paraíso na Amazônida levada para a Europa pelos viajantes e a Economia da borracha?* Esta pergunta orientou a produção deste escrito e, para construirmos um caminho de reflexão a partir dela dividimos este trabalho em dois momentos complementares.

Inicialmente, utilizou-se um levantamento bibliográfico referente ao tema em questão. Para dar conta do primeiro momento utilizamos como norte as obras *Viagem pelo Amazonas* do francês viajante La Condamine e *Um Naturalista no Rio Amazonas* de Henry Battes. Porém, para além de somente explicar o que são as promessas de paraíso na Amazônia e para dar conta deste primeiro momento, traremos problematizações aos escritos destes autores, sobretudo, o de La Condamine.

No segundo momento, delimitamos o período conhecido como *o ciclo da borracha* para tratarmos das ações da elite no território Amazônico, de modo que essas



ações que tem como base a exploração da borracha, isto é, a infraestrutura econômica resultou em uma superestrutura política, jurídica, arquitetônica, ideológica e cultural na qual conhecemos como a *Belle Époque* (bela época em francês) *Amazônica* que explicaremos através do método de análise de Karl Marx e Friedrich Engels (2007): o *materialismo histórico dialético*³.

3 Resultados e discussões

3.1 O papel da elite intelectual na criação de uma Amazônia idealizada

Uma gama de conhecimentos adquiridos sobre o Rio Amazonas é resultado dos estudos de uma elite intelectual europeia, cuja missão era desbravar os mistérios em voga na sociedade, como a forma da terra, os contornos geográficos dos países e regiões dominadas, assim como dos rios trafegáveis, etc. Neste contexto, foram feitos estudos sobre o Rio Amazonas, dentre os quais se destaca o feito por La Condomine e se percebe que suas análises têm um olhar de um não nativo, ou melhor, de um francês que veio para região fazer pesquisas e, então, transmitir seus resultados e observações à comunidade científica e a leitores europeus, passando uma imagem ilusória sobre os povos ameríndios, mas que, inclusive, serviam como justificativa para a colonização desses povos.

As margens são habitadas por uma nação índia, chamada xibaros, outrora cristã, e revoltada há um século contra os espanhóis, para se furtarem aos trabalhos nas minas de ouro da região; desde então, retirados para florestas inacessíveis (LA CONDAMINE, 2000, p. 54-55).

Durante todo o período inicial da exploração da Amazônia, os aventureiros que ali chegavam estavam convencidos de que haviam descoberto o “paraíso terrestre”, termo utilizado por La Condomine para propagar as informações das supostas riquezas encontrada na região amazônica para outros exploradores que se dispuseram a enfrentar mares desconhecidos e florestas impenetráveis em busca da terra das drogas do sertão, da canela e da promessa do “eldorado”, “[...] mas a “quinina”, a “ipecacuanha”, a “simaruba”, a “salsaparrilha”, o “guaiaco”, o “cacau”, a “baunilha”, etc. seriam as únicas plantas úteis que a América encerra” (LA CONDAMINE, 2000, pág. 71), que foram os principais motivos das expedições, além do desejo de converter almas, que, inclusive, era um dos métodos utilizados para dominar os nativos ameríndios.

³ Indicamos, para um maior aprofundamento o livro *A Ideologia Alemã* de Karl Marx e Friedrich Engels.



Batalhas foram travadas para obter o domínio da cidade de Cusco, onde atualmente é a nação peruana, em seguida conquistaram os indígenas motilones que foram utilizados para auxiliar a exploração de canela na Amazônia peruana. Bates (1979), em sua obra *Um naturalista no Rio Amazonas*, relata que os índios eram muito importantes para que a viagem fosse um sucesso, já que eles que remavam nas canoas. Evidência, também, a utilização da mão-de-obra indígena para outros benefícios europeus, como a coleta de informações que mapeasse e explicasse o funcionamento dos rios e alguns territórios da região, servindo como base para orientar a exploração.

A expedição de La Condamine teve total financiamento e apoio da coroa portuguesa, que lhe deu cartas de recomendações a todas as províncias e missões por onde ele passasse assim lhes favoreciam escravos para remarem, além de marujas índias, solicitados por ordens expressas da majestade portuguesa a fim de se promoverem com a corrida em descoberta de novas terras e da “ciência”.

Em troca desse apoio, ele compartilhava informações que adquiria em suas viagens por meio das cartas que eram disponibilizadas para a comunidade intelectual europeia. Essas cartas, o autor afirma, eram escritas diariamente durante as suas viagens de campo. Os acontecimentos disseminados na Europa eram muitas vezes baseados em informações infundadas que, mesmo sendo questionado por outros eruditos, La Condamine dava um jeito de desqualificar seus opositores, influenciando a qualidade e a velocidade das informações que chegavam aos seus interlocutores na Europa.

La Condamine fez estudos aprofundados sobre fauna e flora (animais e plantas), bem como dos habitantes da região desconhecidos na Europa. O autor, no entanto, somente relata as perspectivas que exploradores, naturalistas e missionários europeus possuíam quando buscavam conhecer a Amazônia.

Um exemplo foi quando descreveu com base nos relatos do missionário jesuíta Magnin sobre as missões de Maynas no reino de Quito (manuscrito sobre as populações indígenas na região). Sobre suas impressões depreciativas e generalistas acerca do caráter/temperamento dos ameríndios (populações indígenas do Amazonas), disse Isaac de Pinto⁴: “Se o que La Condamine dizia estava certo, o ameríndio seria um tipo de

⁴ Erudito de Amsterdã, o primeiro entusiasta dos escritos de La Condamine, recebendo-o em sua pequena ‘sociedade literária’ por ocasião do seu retorno da viagem pelo Amazonas. Embora tenha exaltado



humano que difere de nossa espécie mais que qualquer outra espécie” (SAFIER, 2009, pág.104).

Essa visão que La Condamine criava sobre os nativos da região, de um povo com temperamento ocioso, preguiçoso e indolente, ora parecendo com macacos ora com crianças, legitimava a dominação religiosa, econômica e política das potências europeias e sua ação que se baseavam nas teorias evolucionistas e geográficas para justificar sua invasão ao Novo Mundo, com a desculpa que tinham a missão de levar a civilização e o desenvolvimento a essa população.

No entanto, os indígenas não viam a natureza com olhos de exploração, pelo contrário, se viam como parte dela, ao utilizarem dos conhecimentos passados de gerações sobre como utilizar métodos naturais para pescar, fazer uso de plantas que alteram a composição da água e fazendo, assim, os peixes emergirem, alcançando favorecimento diante de métodos tradicionais utilizados pelos europeus, o que La Condamine na sua visão eurocêntrica afirmava que “a natureza parece ter favorecido a preguiça dos índios” (LA CONDAMINE, 2000, pág. 105), por fazerem o uso destes conhecimentos tradicionais em favor de seu povo.

Também por serem os indígenas extremamente habilidosos em combater animais selvagens que viviam na floresta, os missionários religiosos faziam uso tanto da dominação que exerciam sobre os índios para subjugar seus conhecimentos e culturas com violência simbólica, quanto para lucrarem através da comercialização de peles, especiarias e demais objetos trabalhados pelos indígenas em suas atividades na floresta.

La Condamine (2000), em se tratando de aspectos sociais, descreve a importância das missões religiosas na descoberta da Bacia Amazônica. A igreja após saber sobre relatos das formas de vida das sociedades amazônicas, como povos que não se preocupavam em cobrir suas “vergonhas”, decidiu investir nas excursões evangelizadoras.

Se estes reproches aos quais não falta senão o nome de escravos poder-se-ia crer que essa espécie de embrutecimento nasce da servilidade em que vivem; o exemplo dos gregos modernos prova muito bem quanto a escravidão é própria para degradar o homem. Mas os índios das missões e os selvagens que gozam de liberdade são tão limitados por não dizer tão estúpidos quanto os outros, e não se pode ver sem humilhação o quanto o homem abandonado à

inicialmente os escritos de La Condamine, tornou-se um crítico seu quando este não respondia suas inquietações acerca do temperamento negativo dos ameríndios.



natureza, privado de educação e sociedade, pouco difere das bestas. (LA CONDAMINE, 2000, p. 60)

É óbvio que essas expedições jesuítas não eram apenas para evangelizar os índios, mas para domesticá-los, adaptá-los a novas formas de organização social, sobretudo, a novas formas de trabalho, bem como o que aconteceu no ciclo da borracha, em que os índios foram escravizados e assassinados, quando não conseguiram fugir e, os que conseguiram, tiveram parte de seus aspectos culturais perdidos, bem como seus territórios.

As missões religiosas que existiam em abundância na Região Amazônica possuíram um papel importantíssimo na dominação e exploração da mão-de-obra indígena pelas elites econômica e intelectual, pois os índios desta região eram guerreiros por natureza, porém foram “amansados”, isto é, passaram por um processo de colonização que os tornaram passivos de acordo com a dominação feita pelos padres jesuítas e outras ordens religiosas. Por fim, acabavam se desvirtuando de seus costumes naturais, submetendo-se a interesses da elite intelectual portuguesa ao serem utilizados como negociantes de escravos indígenas.

Outro ponto importante é a presença de nativos nas expedições, pois se tornou possível, assim, o relato de La Condamine sobre suas percepções acerca dos indígenas, demonstrando que existia certa dificuldade de comunicação com eles, pois apenas conseguia expressar-se e obter algumas repostas por meio de alguns sinais, porém demonstra espanto ao perceber o conhecimento que eles possuíam acerca dos nomes dos rios, e notando, também, “que eles conheciam diversas estrelas fixas, e que davam nomes de animais a diversas constelações” (LA CONDAMINE, 2000, p. 87). Além disso, houve também a percepção de que a região não era constituída apenas por uma nação e, sim por várias, desta forma relacionaram a diversidade de nomes dados a um único rio a variedade de povos que habitavam as margens dos rios da Região Amazônica.

A Amazônia, desde que fora invadida, enfrenta inúmeros problemas. A exploração europeia, tanto seus recursos naturais quanto a mão-de-obra local, a destruição de culturas, de territórios, tudo em nome de um projeto de desenvolvimento e civilização que não são os dos povos nativos, mas de interesses, sobretudo, de elites econômicas que têm relações diretas – quando não ocupam as duas posições – com as elites políticas.



A exploração amazônica não seria possível sem a utilização de mão-de-obra nativa, visto que para os europeus esta era uma região desconhecida e encontrariam sérias dificuldades de direção. Desta forma, foram utilizados índios escravizados e um explorador equatoriano chamado M. Maldonado, para que se houvesse compreensão do que os nativos da região amazônica no Peru falavam, porém sempre tentando instituir a língua espanhola como geral, tornando, assim, mais fácil a exploração dos recursos desejados.

Com a disseminação das informações de que a Amazônia seria um “paraíso terrestre”, repleto de riquezas, houve uma intensa exploração na região, contudo, logo puderam perceber que o conhecimento levado a Europa não era totalmente verdadeiro, principalmente em relação aos grandes mitos do “El dourado” e do “vale da canela”, que por muito tempo encheram os olhos de muitos exploradores determinados a fazer fortuna e fama. Os exploradores europeus são tratados como ávidos exploradores preocupados em desbravar o novo mundo, já os indígenas são retratados como mentirosos, exageradores que contavam fábulas para “afastar hóspedes incômodos” (LA CONDAMINE, 2000, p. 93), sendo assim culpados de gerar tamanha expectativa nos exploradores daquelas terras que posteriormente seriam frustrados.

Dessa forma, foi construído um legado mistificado em torno da Amazônia que se tornou metáfora para riqueza e diversificação da vida animal e vegetal da terra. Legado este que La Condamine construiu em cima de muitos outros que vieram antes dele, além de nativos e de negros fugidos e que, desde a época do iluminismo, cristalizou um retrato da Amazônia que sobrevive por até nossos dias.

Esse é o contexto quando pensamos sobre as imposições externas que, ao longo da história, recaíram sobre a Amazônia, trazidos por Harris (1985), em sua obra *Rebelião na Amazônia: Cabanagem, Raça e Cultura Popular no Norte do Brasil*, quando diz que a Amazônia é forçada a participar do projeto de nação que se desenvolvia na primeira metade do século XIX.

Este projeto de nação era orientado por projetos de desenvolvimentos liberais, sob reformas que acirravam ainda mais a desigualdade social, ao passo que beneficiava as elites da época, que eram as elites da borracha. Os textos dos três autores aqui tratam sobre como os rios e a utilização dos nativos na navegação foram importantes no processo de desbravamento da Região Amazônica.



As gomas, as resinas, os bálsamos, todos os sucos que derivam de diversas incisões de árvores, assim como os diferentes óleos que delas se tiram, [...] A resina chamada “caucho” nos países da província de Quito vizinhos do mar é também comuníssima nas margens do Maranhão, e tem a mesma utilidade. Quando ela está fresca, dá-se-lhe com moldes a forma que se quer; ela é impenetrável à chuva, mas o que a torna digna de nota é a sua grande elasticidade. (LA CONDAMINE, 2000, p. 72)

Contudo, Harris fala também sobre o controle e a utilização do trabalho e da terra, por parte das elites, para estas constituírem uma sociabilidade fixa na região. A partir disso faz uma análise a respeito da questão social e econômica; a primeira está ligada a raça, a classe e também a questão étnica; a segunda está relacionada à exploração gomífera e os dividendos políticos que isso acarreta.

O texto de Harris fora encomendado por uma elite política, em 1985, e trata especificamente da cabanagem, é a partir desse evento que nos dá uma explicação sociológica da região, uma vez que para o autor, a economia da borracha e seu sucesso e esplendor deu-se, claramente, pelo fato de se usar de camponeses (que moravam em cabanas) para o trabalho duro.

É inevitável falarmos de elites na Amazônia e sobre o projeto de civilização sem abordarmos o ciclo da borracha, que teve seu início no final do século XIX. Este período, fora um período de intensas movimentações na Região Amazônica, de desenvolvimento tecnológico que tinha como base ideias liberais, da chegada de ferrovias para escoar a produção da borracha. Entretanto, fora um período que acirrou ainda mais o controle das elites sobre a região e que trouxe projetos novos de civilização e, bem como, de reorganização urbana e rural.

La Condamine observa que a capital do Pará apresentava uma excelente estrutura, como pode ser observado em seu relato:

Afigurava-se-nos, chegando ao Pará, e saídos das matas do Amazonas, ver-nos transportados à Europa. Encontramos uma grande cidade, ruas bem alinhadas, casas risonhas, a maior parte construídas desde trinta anos em pedra e cascalho, igrejas magníficas. (LA CONDAMINE, 2000, p. 112)

Na zona urbana, as pessoas das classes mais baixas foram expulsas das cidades, rios foram soterrados. Na zona rural, fora-se constituído sistemas de aviamentos⁵, que no

⁵ De acordo com Sérgio Rivero e Paul Cooney (2011) o sistema de aviação era uma espécie de servidão disfarçada em que se utilizava créditos impostos aos seringueiros pelos seringalistas. Ele funcionava da seguinte forma: os capitalistas comerciais de Belém e Manaus negociavam com os seringalistas produtos para as necessidades básicas e insumos de produção; os seringalistas negociavam estes bens com os seringueiros adiantando estes produtos em troca da borracha extraída. O preço da borracha era tão baixo



período do ciclo da borracha, como diz Aramburu (1994), era a principal estrutura que regulamentava as relações sociais na Amazônia, e este, segundo Katiane Silva (2017), baseava-se na exploração de trabalhadores endividados que vez ou outra tentavam fugir, mas eram capturados pelas forças policiais do Estado.

Para a autora citada anteriormente, o Estado tinha relação estreita com as elites da borracha – aqui temos a elite política e econômica em uma relação por interesses. Percebemos que é muito presente na história da Amazônia a relação entre as elites. Entretanto, tivemos, ao longo da história, os conflitos entre elites que tinham interesses diferentes, como exemplifica Harris ao dizer que com a legislação de 1799, que objetivava desenvolver no índio uma posição sedentária quanto à atividade agrícola, mas acaba provocando um acirrado conflito entre as elites brasileiras e portuguesas.

3.2 A utilização das “promessas de paraíso” para a exploração da Amazônia: a economia da borracha nos Séculos XIX-XX

Na Europa já se conhecia, cientificamente, a borracha desde o século XVIII, pois La Condamine (2000), como afirmamos anteriormente já levava descrições, em textos como *Viagem Pelo Amazonas*, a respeito de aspectos importantes existentes na Amazônia, entre eles, a utilização da borracha para fins diversos, por exemplo, para fabricação de utensílios domésticos de uso cotidiano. Desse modo, buscaremos entender neste capítulo, como as elites econômicas se utilizaram destas informações para explorar a Amazônia.

As elites econômicas na Amazônia, especificamente a do Pará e Amazonas, tinham origens distintas, sendo a primeira composta por proprietários de terras, pecuaristas e por grandes comerciantes de origem portuguesa descendentes de funcionários públicos cuja permanência no Pará se dava desde o século XVIII, ao passo que as elites do segundo estado não tinham sua origem tradicionalmente voltadas a propriedades de terra, mas uma elite de recente formação, composta predominantemente por comerciantes urbanos e profissionais liberais (DAOU, 2004)

que esse arranjo mantinha os seringueiros em uma escravidão por dívidas através dos anos. Neste sistema, o seringueiro devia ao seringalista, que devia ao capitalista comercial ou a casa comercial (aviadora), que eventualmente devia a fornecedores estrangeiros.



No final do século XIX, o mundo capitalista passava por transformações significativas. O desenvolvimento econômico alicerçado em uma nova fase capitalista, orientado pela ideologia liberal que tomava conta dos anseios das elites amazônicas, caracterizado pelos monopólios e especulação financeira, dinamizava os espaços de interesse do grande capital a ponto de estabelecer papéis determinantes a diversas áreas potencialmente lucrativas para a burguesia industrial e financeira.

Sérgio Rivero e Paul Cooney (2011) destacam que

[...] a crescente necessidade de borracha para aplicações industriais e, posteriormente, pneumáticos de automóveis tornou esta em uma commodity importante, e a sua extração e produção, em consequência, cresceu enormemente. Por volta de 1870, a produção de borracha e as atividades econômicas associadas a ela estavam crescendo fortemente (RIVERO e COONEY, 2011, p. 3009)

Neste sentido, a goma elástica tornava-se importante no mercado internacional, o que impulsionou a economia da borracha na Amazônia, fazendo com que a região ocupasse um papel importante na Divisão Internacional do Trabalho (DIT), oferecendo um produto fundamental para a indústria automobilística. É nessa conjuntura econômica internacional da segunda metade do século XIX que se inicia a economia da borracha na Amazônia, baseada no sistema de aviamento.

Cabe entender quais mecanismos usados para desenvolver uma atividade exploradora que melhor se adequasse a dinâmica da floresta amazônica e que fosse viável e lucrativa para as elites participantes de tal empreitada, seja local e internacional.

Segundo Santos (1932) é necessário destacar características determinantes para o sistema de aviamento ser implantado. Vejamos esses determinantes:

- a) Região de recursos naturais em abundância, mas de difícil acesso;
- b) Ineficientes recursos de técnicas produtivas;
- c) Ínfima ou nenhuma presença do dinheiro na região;
- d) Presença de lideranças mercantis locais (originários da terra ou estrangeiros);
- e) Relação com um mercado monetizado e funcionando no sentido de criar condições para o processo explorador da região em potencial.
- f) Uma demanda externa pulsante voltada para um ou mais produtos da região.

Esses condicionantes foram imperativos para o sucesso do sistema de aviamento na Região Amazônica cuja riqueza a ser explorada era a goma elástica para a produção de borracha. Podemos, também, destacar as condições importantes da dinâmica



econômica da Amazônia, até meados do século XVII, que contribuíram para tal sistema em questão, pois apresentava um comportamento de troca em que o uso de moeda era escasso e baseado no crédito, “espécie de crédito sem dinheiro”. De acordo com Santos (1932), esse tipo de troca seria o embrião do sistema de aviamento no processo de exploração da borracha entre os anos de 1870 e 1912.

Quanto ao aviamento nos tempos da economia da borracha que se inicia em meados do século XIX, é preciso destacar as condições determinantes para que tal sistema tenha se desenvolvido de forma tão eficaz na Região Amazônica. Podemos destacar fatores externos como o desenvolvimento da indústria automobilística, a demanda pela goma elástica aumentando em demasia; já internamente podemos destacar que a cultura do escambo não compreenderia o largo uso do dinheiro e por isto era devidamente compreensível e necessário o uso do sistema de aviamento, sendo retomado e ampliado para o dinamismo e interesse do grande capital.

Seguindo tal raciocínio, é necessário destacar o comerciante do interior e os agentes da capital concentrados no objetivo de arregimentar trabalhadores nordestinos, por exemplo, que iriam compor a força de trabalho juntos com caboclos da Amazônia. Nesse sentido podemos comentar sobre as relações socioprodutivas no interior do sistema de aviamento: organizava-se de forma vertical existindo na base da atividade extrativa os seringueiros (trabalhadores que adentravam a floresta para extrair o látex), depois os senhores locais responsáveis pela administração e fiscalização da atividade, chamados de seringalistas (os aviadores de segunda linha), logo em seguida os seringalistas de grande envergadura por acumular uma significativa riqueza, depois as casas aviadoras de Belém e de Manaus e por fim o mercado internacional.

Barbara Weinstein (1993) destaca que as exigências mínimas de capital da atividade coletora fizeram com que ela se tornasse também uma atividade econômica atraente para a crescente população “cabocla” da Amazônia. Geralmente de descendência índia ou mestiça, a família cabocla típica era pobre, sem propriedades e sem identidade cultural, tendo perdido todos os vínculos com a comunidade tribal.

Podemos afirmar que o processo de concentração de riqueza se dá por meio da exploração da cadeia mais frágil e importante que é o seringueiro, que isolado na mata vive em um constante aumento de sua dívida para com os barracões, fator este que sustenta o sistema de aviamento à medida que o endividamento acabava prendendo o



trabalhador na mata e dificultando imensamente sua libertação do sistema em questão. Segundo Katiane Silva (2017), no seringal, na mesma proporção em que se extraía o látex, os trabalhadores dos seringais tinham sua liberdade contingenciada:

A segurança da espoliação era garantida pelo regime policial dos seringais, onde sentinelas armadas montavam guarda para impedir a fuga dos seringueiros em débito. E a polícia oficial colaborava com sua cobertura, remetendo de volta para os seringais aqueles que, conseguido escapar do interior fossem capturados em Manaus ou Belém (SANTOS, 1932, p. 165-166).

Sendo que o mercado internacional, o grande capital foi o que mais acumulou riqueza advinda da economia da borracha. Desta forma, cabe salientar que o lucro obtido com a atividade extrativista da borracha foi acumulado por uma parcela da sociedade ligado ao grande capital seja interna, seja externa, caracterizando um complexo de relações de exploração no interior de uma sociedade inserida no contexto do capitalismo monopolista e financeiro do século XIX. Podemos destacar, portanto, que:

[...] uma parte dessa elite composta por uma burguesia ligada direta e indiretamente à atividade extrativista da goma elástica e a elite tradicional vinculado a atividades burocrática e administrativas das capitais da Região Amazônica, bem como com a elite intelectual citada anteriormente que levava a Amazônia como uma promessa de paraíso à Europa (DAOU, 2004, p. 36).

Essas elites são a pequena parte da sociedade que convive nos centros urbanos que sofreram um processo de modernização com os recursos oriundos da atividade econômica em questão. De acordo com Daou (2004) a elite já consolidada apoderou-se da cidade em que conquistou seu lugar privilegiado de consagração da distinção, seja pelo contato e interação com os negociantes da borracha e muitos viajantes que deram seu caráter cosmopolita, ou ainda por ser este mais e mais um lugar privilegiado do investimento simbólico de indivíduos que se articulam como grupo.

O dinamismo da economia da borracha acabou contribuindo para a chegada de estrangeiros, capitais, produtos e a colaborar para um clima de satisfação e prosperidade prometida, entre as elites consumidoras de bens de consumo e cultura europeia, imitava-se os comportamentos e os modos do velho mundo civilizado.

Sendo assim, mediante a ótica do *materialismo histórico dialético*, cuja tese principal é a de que o ser social determina a consciência dos homens, mas antes é determinado pela atividade material, produtiva, isto é, a forma com que os homens se



relacionam com a natureza (infraestrutura), entre si (estrutura), por meio *do trabalho*⁶ é o alicerce de toda organização social (SANDRONI, 2002, apud COSTA, 2006) e, de acordo com COSTA (2006), “a forma como o sistema econômico é organizado, é a base sobre a qual se assenta toda a sociedade sob uma articulação dialética, em movimento permanente, desigual e combinado no tempo e no espaço” (p. 60); é que propomos, nesta parte, analisar como a economia da borracha, em sua relação infraestrutura econômica e baseada no sistema de aviação, viabilizou os anseios das elites da borracha de construir uma civilização dentro da América Latina aos moldes europeus, período a qual conhecemos como: a *Belle Époque*.

3.3 . A *belle époque*

A *belle époque* (bela época, em francês) teve seu começo no final do século XIX (1871) e permaneceu até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Tal época foi considerada uma Era de Ouro, de desenvolvimento, inovação e paz entre os países europeus, e suas influências acabaram se espalhando pelo mundo. A *belle époque* foi um período em que um complexo processo de relações culturais, sociais e até de mudança de mentalidades, resultados da infraestrutura e estrutura econômica, reorganizaram as duas metrópoles mais importantes da Amazônia brasileira: Manaus e Belém (SARGES, 2002).

Assim, pode-se dizer que o período da *belle époque* foi marcado por uma imposição de certas linguagens, gostos, comportamentos, atitudes e formas de sociabilidades, que advindos da cultura burguesa, tornaram-se a cultura hegemônica e acabaram por se espalhar por todo o globo, carregando consigo a ideia de Progresso e a Civilização.

Um desses elementos relacionados à cultura burguesa é o liberalismo. Assim como todo o resto, é a partir da Europa que o liberalismo vai chegar a terras brasileiras. Entretanto, a forma com que o liberalismo foi aplicado em terras nativas foi completamente diferente, tendo em vista que o liberalismo na Europa foi o que impulsionou as revoluções, como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa: “os

⁶ As condições materiais de existência e reprodução da sociedade – vale dizer, a satisfação material das necessidades dos homens e mulheres que constituem a sociedade - obtêm-se numa interação com a natureza: a sociedade, através dos seus membros, transforma matérias naturais em produtos que atendem as suas necessidades. Essa transformação é realizada através da atividade a que denominamos trabalho (NETTO, 2012).



valores tributários do credo liberal encontravam adeptos e vieram a formar as bases da aceitação para que as expansões europeia e americana encontrassem ambiente particularmente favorável.” (DAOU, 2004, p. 17)

Na Amazônia, a *belle époque* deu-se por conta do *boom* provocado pela riqueza proveniente da extração do látex (Borracha), retirado da árvore *Havea brasiliensis*. O período entre 1870 e 1912 foi uma época singular para Belém e Manaus, os centros da economia da borracha. As duas cidades viveram o auge de sua economia nesse período, visto que a extração da borracha proporcionava benefícios imensuráveis à alta sociedade paraense (SOUZA; FERRANTI PACHECO, 2009).

Terminando o Segundo Império e o início da República, as ideais positivistas combinavam com um discurso modernizante e progressista do Novo Regime. Com isso, fora rápida a necessidade de modernizar, higienizar, embelezar a região, o que foi facilitado com a implantação do federalismo, pois os estados passaram a ganhar autonomia, no sentido de realizar o recolhimento dos impostos e aplicá-los para proposta em questão, possibilitando, assim, as elites locais avançarem ainda mais no seu projeto de civilização europeia em plena Região Amazônica.

Segundo Sarges (2002):

A modernidade entendida como expansão da riqueza, ampliando as possibilidades, caracteriza-se pelo avanço da tecnologia (Revolução Industrial), construção de ferrovias, expansão do mercado internacional, pela urbanização e crescimento das cidades (em área, população e densidade), pela mudança de comportamento público e privado e pelo brafejo da democracia, transformando as ruas em lugares onde pessoas circulavam e exibiam seu poder de riqueza (SARGES, 2002, p. 13).

É nesta época de fins do Império e começo da República que o processo de europeização e o branqueamento do Brasil avançam a passos largos, uma vez que são relacionados à concretização das ideias de Progresso e de Civilização. E são as mentalidades da *belle époque* que vão influenciar as elites urbanas brasileiras no intento de higienizar e modernizar seus principais centros urbanos na Amazônia.

Observa-se que o auge da economia gomífera foi determinante para forjar uma mentalidade e comportamento, dito civilizatório, já que as elites locais se compreendiam inseridos em um contexto internacional e seriam os representantes de tudo isso em Belém e Manaus. Pode-se, então, dizer que a chegada da *belle époque* na Amazônia deu-se no momento que houve uma mundialização do consumo do látex, o que acarreta o *boom* da



economia da borracha. Dizendo de outra forma: a expansão do capitalismo industrial na Europa e a cultura burguesa, que de lá irradiava, davam a tônica do discurso que seria crucial para o processo de inserção da Amazônia em marcha para o Progresso e a Civilização, a reboque da exploração de uma de suas riquezas naturais: a árvore *Havea brasiliensis*.

Novamente, Sarges (2002) destaca que:

Essa vitalidade urbana manifestada através do vestuário, da construção de prédios luxuosos, cafês, luz elétrica, bondes, ferrovias, na criação de uma nova estética, representou, na verdade, uma reelaboração da expressão do poder de uma nova classe - a burguesia - além da necessidade imposta pela internacionalização da economia capitalista, na medida em que era preciso criar condições concretas para a ampliação e reprodução do capital (SARGES, 2002, p. 13-14).

Pode-se entender que as elites locais influenciavam diretamente em todos os âmbitos no período da *belle époque*, trazendo hábitos, cultura, costumes e ideologia política diretamente da Europa. Na citação abaixo fica evidente esta influência:

As praças, bosques, lugares públicos de lazer, eram lugares de nova ordenação espacial e estética, onde todos queriam ir para serem vistos; a exemplo, o Bosque Municipal, onde a elite belenense se reunia para tomar o chá das cinco (da tarde) no Chalé de Ferro ali localizado. Afinal, ser visto era a pretensão da nova elite. Esses lugares identificavam, através do vestuário, a que classe cada um pertencia (SOUZA, FERRANTI, PACHECO, 2009, p. 04).

Este período de grande euforia e mudanças socioespaciais durante o *boom* da economia gomífera deve ser entendido como um evento que parte do Estado como ator principal, sendo ele o representante de uma elite, que se beneficiou direta e indiretamente da economia extrativista em detrimento dos trabalhadores, que estavam na base do sistema de aviação, e dos marginalizados dos/nos centros urbanos. O que chamamos de *belle époque* na Amazônia foi um grande processo de reprodução de consequências danosas às classes trabalhadoras: as desigualdades sociais e a concentração de riquezas nas mãos de um pequeno grupo de agentes do capitalismo na região.

Para Sarges (2002):

[...] a ação dinamizadora do embelezamento do visual da cidade estava associada à economia, à demografia, mas também aos valores estéticos de uma classe social em ascensão (seringalistas, comerciantes, fazendeiros) e às necessidades de se dar a determinados segmentos da população da cidade segurança e acomodação, além da colocação em prática da ideia positivista de progresso enfatizada pelo novo regime republicano (SARGES, 2002, p. 138-139)



O *boom* da economia gomífera na Amazônia, como se pode perceber, levou a mudanças na cultura urbana e nos processos de socialização característicos da região. Isso tudo pode ser debitado no bojo da “globalização” de padrões e de ritos culturais da cultura burguesa europeia do *fin de siècle*; o que acaba por ocasionar um grande impacto no cotidiano urbano de Belém e Manaus. Impacto este que vai se expressar nas mudanças estéticas, arquitetônicas e urbanísticas por qual passaram as duas cidades neste período.

A cidade seria o espaço-palco dessas novas transformações, pelas quais passavam os grandes centros urbanos da Amazônia - Belém e Manaus. Sendo o *locus* da modernização alicerçada nos princípios liberais e moralizantes, era necessário que o poder público tomasse a frente no sentido de atuar para disciplinar e ordenar os centros urbanos em questão. Logo, replanejar a cidade e cuidar dos comportamentos dos frequentadores dos centros urbanos eram fatores determinantes para atrair olhares e cobiças pela região modernizada. Não esquecendo que tal projeto modernizador não esconde que um de seus principais objetivos era excluir as classes pobres e carentes.

Sarges (2002), assim, nos diz que:

A Belle Époque imprimia, desse modo, a redefinição do espaço urbano, a redistribuição dos locais destinados aos serviços sanitários e o emprego de mecanismos de controle dos hábitos da população, o que tornava bastante visível a distinção entre a área central da cidade, destinados aos ricos burgueses desodorizados e higienizados e as áreas periféricas destinados à população trabalhadora pobre (SARGES, 2002, p. 155).

Essa cidade espaço-palco é urbanizada, higienizada, saneada, com grandes empreendimentos urbanos é também uma cidade que se transforma numa metonímia do que as ideais de Progresso e Civilização carregavam. É nesse sentido que se encontram a Belém do intendente Antônio Lemos (1897-1912) e a Manaus do governador Eduardo Ribeiro (1892-1906), cidades estas que sofreram uma forte intervenção do Estado, uma intervenção disciplinadora, além de bastante segregadora, visto que os seus centros eram como espelhos das cidades europeias, notadamente Paris. Transformam-se, assim, em espaços fechados ao atraso e à barbárie.

Pode-se, ainda, falar de um dos elementos principais para formação econômica no período, a migração nordestina para a Amazônia em busca de riquezas, visto que o governo brasileiro fazia propagandas para atrair o povo que sofria com a fome e a seca no Nordeste.



Entre 1877 e 1879, o nordeste brasileiro sofre uma das piores secas de sua história. Somente do Ceará, mais de 65.000 pessoas partem para a Amazônia, açoitados pelo flagelo natural e pela crise da economia agrária. Esse contingente humano vai servir de mão-de-obra nos seringais, avançando a fronteira do extrativismo. Em pouco tempo, a maioria desses cearenses entra pelo rio Purus, ocupando zonas ricas em seringueiras. No final da década estarão no Acre, território reivindicado pela Bolívia, Brasil e Peru (NO AMAZONAS É ASSIM, 2013)

A força de trabalho nordestina tornou-se fundamental para o processo de expansão da economia da borracha. Contudo, os nordestinos, assim como todos os outros marginalizados, são justamente os excluídos das benesses que a riqueza vinda das matas e do trabalho realizado pelos seringueiros proporcionava. Até mesmo dos espaços da cidade como afirma Daou (2004, p.31)

O embelezamento da cidade resultava de alterações urbanísticas e arquitetônicas estimuladas por uma legislação que procurava modernizar os espaços públicos e dotar de certas características as construções, imprimindo, nas fachadas dos prédios, elegância estética, graciosidade e uma racionalidade condizente com as necessidades de ventilação e higiene exigidas pelo clima.

É esse embelezamento que vai expulsar as classes trabalhadoras para as periferias da cidade, tornando, portanto, cidades que se localizam no centro da Amazônia, cidades com aparências, leis, costumes e hábitos europeus, isto é, resultando em uma superestrutura política, jurídica, ideológica e cultural.

4 Considerações finais

Dado o exposto, percebe-se que a Amazônia foi e é uma região que sempre despertou e desperta interesses de exploração econômica. Foi com esses interesses que muitas expedições foram mandadas para a região, à exemplo da expedição do francês La Condamine, apesar de antes destas expedições terem ocorrido outras. Esses relatos produzidos pela elite intelectual proporcionavam subsídios para futuras explorações locais.

La Condamine faz seus relatos sempre com as perspectivas que exploradores, naturalistas e missionários europeus possuíam quando buscavam conhecer a Amazônia, o que acaba por criar uma visão idealizada sobre a região. E foi essa visão que a utilizada para legitimar a dominação religiosa, econômica e política da Europa sob o Novo Mundo,



com a justificativa de que tinham a missão de levar a civilização e o desenvolvimento à sua população.

Ao destacar as promessas de paraíso irrealis, a elite intelectual impulsionou a exploração das terras Amazônicas e a progressiva dominação e aculturação dos povos originários, ocasionada pela crescente invasão dessas terras em busca do lucro. Não apenas provocando a extinção de vários grupos locais e de suas culturas, mas também provocando um aumento populacional oriundos de diversas partes do Brasil, especialmente do Nordeste, com o objetivo ilusório de uma vida mais digna e rentável. Contudo, essas pessoas, fruto de um sistema de exploração injusto e elitista, se viam presas em um processo que os transformavam semelhante a mão de obra escrava.

Essa visão deturpada da Amazônia, enquanto um lugar de promessas de riquezas, perdurou por muito tempo e do final do século XIX ao início do século XX, as elites econômicas e políticas importaram a mentalidade da *belle époque* para Amazônia, que passou por um desenvolvimento econômico baseado na economia da borracha, que, por sua vez, se baseou no sistema de aviamento, o modo de exploração que melhor se adequou a toda a dinâmica da Região Amazônica, lucrativo para as elites, seja local, seja internacional.

Percebe-se, assim, que todo o lucro obtido com a atividade extrativista da economia da borracha foi acumulado por uma parcela da sociedade ligada ao grande capital e usado em benefícios próprios, sempre explorando os nativos da região, assim como seus conhecimentos. Restou aos trabalhadores dos seringais a escravidão, as dívidas, a falta de liberdade e a ilusão da prosperidade.

Referências

- ARAMBURU, Mikel. Aviamento, moderno e pós-moderno no interior Amazônico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº 25:81-44, 1994.
Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_09.htm.
Acesso em: 28 de maio, 2019.
- BATES, Henry Walter. **Um naturalista no Rio Amazonas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. pág. 159-190.
- COSTA, Gilson da Silva. **Desenvolvimento Rural Sustentável com base no paradigma da agroecologia**. Belém, UFPA/NAEA, 2006.



DAOU, Ana Maria. **A Belle époque Amazônica**. 3. Ed. Rio de Janeiro. Zahar, 2004.

HARRIS, Mark. **Rebelião na Amazônia**: Cabanagem, Raça e Cultura Popular no Norte do Brasil, 1798-1840. Campinas: Unicamp, 2018.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. **Viagem pelo Amazonas**, 1735-1745. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Edusp, 2000.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. **Economia Política uma introdução crítica**. 8ª. Ed. São Paulo. Cortez Editora. 2012.

RIVERO, Sérgio. COONEY, Paul. A Amazônia como fronteira da acumulação do capital. In: DINIZ, Marcelo Bentes. **Desafios e potencialidades para a Amazônia no Século XXI**. Belém: Paka-Tatu, 2011. p. 303-340.

SAFIER, Neil. **Como era ardiloso o meu francês: Charles- Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes**. Revista Brasileira de História. São Paulo. V.29, nº 57, p. 91-114, 2009.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas produzindo a belle époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História Econômica da Amazônia: 1800-1920**. São Paulo. 1932.

SILVA, Katiane. Para o Pará e o Amazonas: látex: notas sobre as pressões e violações no interior da Amazônia na economia extrativista. In: BELTRÃO, Jane Felipe; LACERDA, Paula Mendes (org.). **Amazônias em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades**. Rio de Janeiro: Mórula, 2017. p. 54-80. Disponível em: <<http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/309>>. Acesso em: 05 de maio. 2019.

SOUZA, Cellayne. FERRANTI, Tatiara. PACHECO, Agenor. **Arte e cultura na Belém da belle époque**/ Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região. Porto Velho, 2019. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2009/resumos/R18-0156-1.pdf>> Acesso em: 15, de jun. 2019.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920**. São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo, 1993.